

Universidade e formação docente*



António Nóvoa é professor catedrático na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Autor de várias obras no campo da formação de professores e no domínio das Ciências da Educação, seus livros - *Os professores e sua formação*, *Profissão professor*, *Vidas de professores* -, editados em 1992 com a colaboração de especialistas portugueses e estrangeiros, abriram novos caminhos à reflexão e à pesquisa no campo da formação docente.

Valorizando o cotidiano pedagógico e discutindo a importância que as “*histórias de vida*” podem adquirir nos estudos sobre os professores, a profissão docente e as práticas de ensino, António Nóvoa tem procurado despertar, nos professores, a vontade de refletir *sobre os seus percursos profissionais, sobre a forma como sentem a articulação entre o profissional e o pessoal, sobre a forma como foram evoluindo ao longo da sua carreira.*

* Entrevista realizada em 18 de abril de 2000 pelas professoras Miriam Celí Pimentel Porto Foresti e Maria Lúcia Toralles Pereira (Instituto de Biociências, Unesp/Botucatu), que também respondem pela edição (com colaboração de Adriana Ribeiro, Fundação Uni Botucatu).

Nas suas palavras, este enfoque deve-se ao fato de que *ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser*. Suas idéias têm representado uma contribuição valiosa aos estudiosos da área, estimulando inúmeras investigações e estudos.

Nos últimos anos, a preocupação com a formação docente vem ganhando espaço na área educacional. Na década de noventa, no quadro das mudanças sociais e tecnológicas que apresentaram novas maneiras de pensar, trabalhar e organizar o conhecimento, uma redefinição das práticas sociais tenderam a modificar os papéis sociais e profissionais, tradicionalmente atribuídos e constituídos. No campo da educação, os professores vêm sofrendo uma série de processos de mudanças.

Procurando discutir e explicar esses processos, que considera fundamentais para o futuro debate da profissão docente, Nóvoa utiliza, em um de seus livros, a metáfora do jogo do *bridge* (já utilizada em parte por Houssaye em 1988, em *Le triangle pédagogique*). Nesse jogo, um dos parceiros ocupa o “*lugar do morto*” - embora não podendo interferir no desenrolar do jogo, nenhuma jogada pode ser feita sem atender às suas cartas.

Partindo do triângulo pedagógico, que se organiza em torno de três vértices - os professores, os alunos, o saber - Nóvoa propõe que “*imaginemos agora um triângulo no qual dois vértices criam uma relação privilegiada, representando o terceiro vértice o ‘lugar do morto’: está presente, tem de ser levado em consideração, mas a sua voz não é essencial para fixar o desfecho dos acontecimentos*”. Com base nessa relação privilegiada entre dois vértices apresenta, de forma simplificada, três grandes modelos pedagógicos: a ligação entre professores e o saber configura uma perspectiva que privilegia o *ensino e a transmissão* dos conhecimentos; entre professores e alunos, valoriza os processos *relacionais e formativos*; e entre alunos e o saber favorece uma lógica da *aprendizagem*.

Observando que no momento atual tem adquirido ênfase o eixo saber / alunos, afirma que os professores têm ocupado o “*lugar de morto*”, embora estejam presentes em todos os discursos sobre educação.

António Nóvoa tem explorado problemas com os quais os professores se defrontam nos dias de hoje, assinalando aspectos fundamentais a serem considerados na análise e discussão da profissão docente. Especialmente nestes últimos anos, em que as formas de exclusão dos professores, legitimadas em processos de tecnologiação, privatização e racionalização do ensino, os situam numa encruzilhada de opções e dúvidas, Nóvoa lembra que a compreensão e a discussão desse processo exige uma reflexão mais profunda, que fuja à linearidade explicativa e às simplificações, percebendo a complexidade das posições em confronto.

Há muitos anos partilhando do debate brasileiro sobre formação de professores, António Nóvoa esteve mais uma vez no Brasil, em abril deste ano, para participar do I Congresso Ibero-Americano de Formação de Professores, promovido pela Universidade Federal de Santa Maria, RGS.

Na oportunidade retomou muitas das idéias que tem desenvolvido em seus livros, artigos e palestras e observou, citando um pedagogo francês do século XIX, que o grande drama dos educadores é passar a vida a defender certas idéias, certas teses, certas inovações e, de repente, ser obrigado a dizer: “*não é bem isso o que eu queria dizer*”. Referia-se ao fato de que muitas idéias produzidas, quando apropriadas por outros, em outros contextos, podem ganhar muito mas também perder muito. E esse é o drama de todos aqueles que não querem fechar o pensamento de uma forma ortodoxa. Pelo contrário, querem que seu pensamento esteja comprometido com uma postura social e política. Neste sentido, o professor Nóvoa ressaltou o papel vigilante e a responsabilidade intelectual daqueles envolvidos com a produção e a socialização do conhecimento de uma determinada área. “*Essa é a nossa única esperança ... a vigilância e a consciência crítica*”.

Durante esse evento, em meio a inúmeras atribuições, concedeu esta entrevista à *Interface*. Num diálogo informal, pontuado por sua conferência na Sessão de Abertura do Congresso, António Nóvoa nos fala de universidade, formação docente e avaliação, enfatizando a necessidade do fazer reflexivo do professor universitário, mediante trabalhos de discussão com acompanhamento de grupos, visando instaurar rotinas de partilha no interior das universidades. Sinaliza para o caráter da profissão docente no ensino superior, discutindo as novas demandas e os desafios desta atividade em face das mudanças nas universidades, na relação com o conhecimento e no público, dada a heterogeneidade crescente e a tendência à diversidade de interesses. Fala, também, da educação médica, assinalando que a idéia de formação clínica, tutoria, supervisão, estará em cima da mesa de toda a universidade nas próximas décadas.



Interface: Considerando as suas colocações sobre a realidade e as perspectivas no campo da formação de professores e sobre a necessidade de garantir o espaço universitário como espaço privilegiado desta formação, “*onde a pesquisa adquire todo o seu significado*”, que reflexões o senhor poderia fazer especificamente sobre a configuração da profissão docente na Universidade, sobre a formação do professor universitário, também ele detentor de saberes?

hoje o conhecimento não está só na Universidade

Nóvoa: Numa avaliação geral, o que foi colocado por vocês suscita três idéias. A primeira é que está ocorrendo uma mudança, que nós não estamos ainda a perceber bem, na idéia de “Universidade”. Nós falamos de Universidade, hoje, como falávamos há um século atrás, considerando que é mais ou menos a mesma coisa. Ora, a velocidade das mudanças no

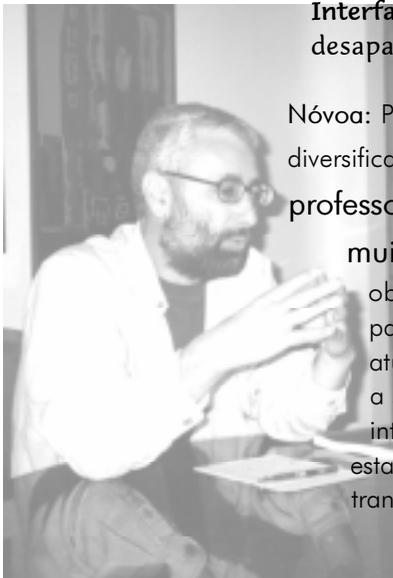
espaço universitário é enorme. Uma dessas mudanças, absolutamente essencial, é o fato de na sociedade atual os conhecimentos existirem em abundância; quer dizer, se antes a Universidade era o lugar onde os conhecimentos existiam e eram difundidos, hoje grande parte desse conhecimento já não está na Universidade. Está na Internet, nos meios de comunicação interativa, em muitos lugares, mas não está mais na Universidade, ou está apenas em parte na Universidade.

Interface: E como a Universidade está enfrentando essa mudança?

Nóvoa: A Universidade continua a trabalhar fazendo de conta que é ainda a única detentora do conhecimento, o que é um absurdo. Ela tem que se reorganizar, passando de uma função de transmissora do conhecimento para funções de reconstrução, de crítica e de produção de conhecimento novo. É muito nítida a existência, hoje em dia, de algumas grandes universidades que estão a repensar o sentido das “aulas” e da “presença física” dos alunos. Os professores têm as lições disponibilizadas via “novas tecnologias de informação”, criando um acesso mais fácil por parte dos alunos. O que não é possível, por esta via, é resolver problemas da relação pedagógica, das dúvidas, da apropriação dos saberes, do trabalho crítico sobre o conhecimento. Na minha opinião, as universidades vão progressivamente conceder uma maior atenção aos processos de acompanhamento dos alunos, através de formas de orientação e tutoria, de aconselhamento e integração dos alunos em grupos de pesquisa. Será esse conjunto de atividades pedagógicas e científicas, e não as “aulas” propriamente ditas, que definirá a Universidade do futuro.

Interface: Isto significa que as atividades das aulas irão desaparecer?

Nóvoa: Provavelmente, elas serão substituídas, com vantagem, por uma diversificação dos meios de acesso à informação e ao conhecimento. **Os professores terão de desenvolver tipos de relação pedagógica muito diferentes dos que existem hoje em dia.** E isso vai obrigar os docentes do ensino universitário a mudarem uma boa parte da imagem que têm da sua própria profissão. Terão de se atualizar, de criar dispositivos de atendimento dos alunos, de fomentar a sua presença em grupos de trabalho e de reflexão, de promover a integração dos jovens em equipes científicas etc. Na minha opinião, esta é a primeira mudança geral na Universidade, que tende a transformar a função docente no contexto universitário.





Interface: E quanto à segunda idéia?

Nóvoa: Uma outra mudança, a meu ver tão importante quanto a primeira, é a transformação do “perfil tradicional” dos estudantes universitários. Até agora, freqüentavam a Universidade, essencialmente, jovens dos 18 aos 23-24 anos. No futuro, veremos cada vez mais pessoas com 30, 40 ou 50 anos buscando a Universidade. **E não só vai haver mudança da população estudantil, mas também do que essa população estará a fazer nas universidades.**

Até agora, eram jovens à procura de uma formação inicial; no futuro, serão cada vez mais adultos que procuram valorizar-se, trabalhadores que buscam uma atualização ou profissionais em formação contínua. Esta evolução é muito nítida em certos países (como, por exemplo, no Canadá), nos quais uma grande percentagem dos alunos já não corresponde ao “perfil tradicional” do estudante universitário. Mesmo em países como Portugal, onde a renovação e expansão universitária são muito recentes, temos neste momento cerca de metade dos alunos das universidades com mais de 25 anos. Esta é uma mudança decisiva, que toca no cerne da ação pedagógica do professor universitário. Este não pode continuar a falar para um “aluno médio”, para um público que ele imagina mais ou menos homogêneo, e tem de atender à crescente diversidade de perspectivas e de interesses dos estudantes. Esta é uma segunda razão que levará, certamente, a mudanças significativas da relação pedagógica no seio da Universidade.

Interface: E como promover esta mudança?

Nóvoa: Esta é a terceira idéia a que eu me referi no início. Eu acredito que a mudança não se fará tanto pela iniciativa dos próprios professores, mas antes pela adoção de novos modos de trabalho universitário. Vai ser produzida pela própria lógica de funcionamento das universidades. Ou seja, quando os alunos exigirem que o professor disponibilize as suas lições através das “novas tecnologias da informação”, ou quando os alunos procurarem formas de mobilidade entre diferentes universidades (como já acontece, em alguns casos, na Europa), ou quando os alunos buscarem inserir-se em grupos de pesquisa, quando esses processos se tornarem mais ativos... os professores vão sentir essa necessidade de transformação. O que eu quero significar é que a questão da formação docente não é puramente pedagógica ou metodológica. Não basta ensinar a um professor meia dúzia de técnicas pedagógicas para que o problema se resolva. A questão é muito mais vasta e remete para um novo equilíbrio entre as funções tradicionais da Universidade: o ensino e a investigação. Hoje em dia, as realidades do ensino e da investigação são muito diferentes do que eram num passado recente. E muitos professores universitários continuam a fazer de conta que nada mudou...

**um novo
equilíbrio
entre ensino
e investigação**

Interface: Em outras palavras...

Nóvoa: Quando o professor deslocar a atenção exclusivamente dos “saberes que ensina” para as pessoas a quem esses “saberes vão ser ensinados”, vai sentir a necessidade imperiosa de fazer uma reflexão sobre o sentido do seu trabalho. Seria necessário que esta reflexão tivesse, simultaneamente, uma dimensão individual (auto-reflexão) e uma dimensão coletiva (reflexão partilhada). Acredito que é possível instaurar grupos de reflexão pedagógica, dentro das universidades, que conduzam pouco a pouco a instaurar rotinas de debate, de supervisão, de formação *inter pares*. Para recorrer ao exemplo das ciências médicas, temos em Portugal experiências importantes de grupos de professores que se juntaram em torno do ensino de dadas disciplinas, tendo começado a trabalhar na produção de novos materiais, com apoio de ambientes virtuais e das tecnologias da informação, recorrendo a apoios exteriores (eu próprio fui várias vezes discutir com eles aspectos pedagógicos e outros), desenvolvendo projetos de inovação e de pesquisa sobre a “aprendizagem em Medicina”, apresentando comunicações em congressos científicos e, a partir de toda essa atividade, foram integrando na sua identidade de professor universitário uma preocupação não só com os saberes, mas também com os alunos e com a maneira de trabalhar esses saberes. Esta parece-me a via adequada para provocar a formação do professor universitário. Pessoalmente, **tenho uma grande desconfiança em relação aos cursos** de Pedagogia, ou de Técnicas de Ensino, ou de Metodologias, ou de utilização de audiovisuais, ou outros quaisquer, **que tendem a transformar a questão da “pedagogia universitária” numa questão de técnicas ou de métodos, esvaziando-a das suas referências culturais e científicas.**

Interface: Em que áreas o senhor acredita que esse processo possa ocorrer com maior facilidade?

Nóvoa: Uma das áreas, ao menos na Europa, onde há uma maior sensibilidade para esta questão é, justamente, a área de Educação Médica. Por duas ou três razões principais. A primeira prende-se ao fato de estarmos perante profissões do humano, atividades da relação, o que torna os médicos atentos às pessoas e aos seus modos de ação, de desenvolvimento e de formação. A segunda diz respeito à multiprofissionalidade que atravessa o campo da Saúde, obrigando a um diálogo constante entre práticas e profissões. Em Portugal, por exemplo, os setores da Enfermagem sempre revelaram uma grande preocupação com as questões da Pedagogia e da formação, o que se revelou benéfico para outras profissões da Saúde que acabaram por usufruir desta tradição. Finalmente, há uma terceira razão, que me parece importante: os médicos têm uma experiência única de formação clínica, que implica processos de tutoria, de acompanhamento e de supervisão que tendem a tornar-se dominantes no espaço universitário.

Interface: No bojo dessa discussão sobre reformulação de modelos e pedagogias, a que o senhor também se referiu em sua conferência, ressurge, em várias áreas de formação, a idéia do aprender a aprender. Considerando a nossa responsabilidade

intelectual de, em suas próprias palavras, “estarmos atentos ao modo como as idéias circulam e são apropriadas nos diferentes contextos”, que outras reflexões poderíamos fazer, no sentido de não desconsiderar a prática, a história e toda discussão já acumulada em torno da formação?

Nóvoa: O “aprender a aprender” foi uma idéia, um slogan, que marcou uma determinada época histórica. Quis-se dizer que têm de ser as pessoas a buscar o conhecimento, num processo contínuo de atualização, que leve cada um a adquirir os instrumentos para uma permanente renovação do saber. Este movimento teve alguma importância, chamando a atenção para a necessidade de orientar um estudo autônomo, de ter uma leitura crítica da informação, de organizar e sistematizar o saber, de buscar por si próprio o conhecimento...

Interface: E qual seria o aspecto crítico da idéia do aprender a aprender, então?

Nóvoa: Nos últimos anos tem havido uma deturpação, um desvio deste conceito, que nos levaria a considerar queseria possível aprender a aprender no vazio, isto é, a aprender a aprender sem ter como matéria-prima um determinado conhecimento. Ora, eu creio que essa matéria-prima (os conhecimentos, os saberes) é absolutamente essencial em qualquer processo de aprendizagem e que não devemos valorizar os modos de apropriação que a esqueçam. Ao dizer isto, não quero consagrar a atual estrutura dos saberes ou a organização das disciplinas. Existe, hoje em dia, uma profunda redefinição do espaço científico, que passa por uma reconstrução dos saberes e dos seus campos disciplinares. As Ciências da Saúde são, aliás, um bom exemplo desta realidade. A reflexão sobre a formação não pode ignorar este fato. Mas uma coisa é estarmos atentos a estes processos de mudança e outra, bem diferente, é alimentarmos a ilusão absurda de que se pode ensinar e aprender num vazio de saberes e de conteúdos.

um desvio no conceito "aprender a aprender"

Interface: Dentro deste quadro, que responsabilidade se coloca para a área de formação na Universidade?

Nóvoa: Todos os que trabalhamos nesta área devemos ser capazes de identificar, com clareza, o que é verdadeiramente formador: a capacidade de compreender o saber, o modo como ele se constitui historicamente, os momentos de virada de uma determinada disciplina, as vias alternativas que poderia ter seguido etc. É aqui, nesta compreensão do modo como os saberes se organizaram e reorganizaram que reside a essência da formação universitária. Estamos perante um processo longo, que tem uma parte “informativa” (de aquisição dos saberes), mas que tem também uma dimensão histórica, crítica e, pelo menos na formação pós-



graduada, uma dimensão de participação na própria produção de conhecimento científico.

Interface: Mas como resolver este dilema, professor?

Nóvoa: É evidente que este dilema não é de agora: é um dilema muito antigo e que continuará por muitos anos. Na introdução de um livro meu – *Profissão Professor* – utilizei o triângulo pedagógico, da autoria de Jean Houssaye, para discutir esta questão. Em toda a situação pedagógica há um professor, um aluno e um saber. Regra geral, dois desses pontos estão intimamente ligados, ficando o restante como “o terceiro excluído”. Nas pedagogias clássicas, o professor está ligado ao saber e o aluno pouco importa; nas pedagogias ditas inovadoras, ou não diretivas, o professor está ligado ao aluno e o saber tem um papel secundário... Acredito que estejamos a caminhar no sentido de privilegiar a relação entre o aluno e o saber, concedendo ao professor papel fundamental, não tanto na transmissão do saber, mas no apoio ao aluno na construção e na configuração desse saber.

um outro papel do professor

Interface: Gostaríamos, ainda, que o senhor comentasse um pouco sobre os debates, os conflitos e as controvérsias que estão tendo lugar na área da educação e da formação de professores, em particular na Universidade, envolvendo dispositivos de controle da vida dos professores, expressos em novas linguagens e novos modos de falar em educação: indicadores de qualidade, performance, normas, padrões de avaliação, “ranqueamento”, acreditação, avaliação externa.

Nóvoa: Esta é uma questão muito difícil, pois cruza aspectos muito diversos... No plano da Universidade, cruza uma globalização que, na verdade, é sobretudo uma americanização do mundo. **O modelo das universidades norte-americanas está sendo exportado para todo o mundo**, constituindo uma referência, por exemplo, nos debates europeus. A América do Norte tem mais de um século dessa cultura universitária, que se constrói num jogo de liberdade e de regulação (ranqueamento, classificação, avaliação...). Estes procedimentos não estão explicitamente formalizados, definindo-se no interior de uma cultura que foi consolidando certas regras e práticas que têm de ser cumpridas por todos. É muito sutil e caldeado por um tempo histórico que permitiu ajustamentos e acomodações. Mas quando tentamos enxertar, em culturas universitárias e em países que têm uma história diferente, essa panóplia de regras e de instrumentos, estamos a criar problemas muito complicados. Há um artigo notável, escrito há alguns meses por um alemão, Hans Weiler, em que ele explica a passagem de uma lógica do *ex ante* para uma lógica *ex post* no funcionamento do mundo universitário. Ele faz uma crítica das novas palavras, da “nova língua”, que invade os espaços educativos e universitários: indicadores, *accountability*, prestação de contas, sistemas de acreditação, critérios de aferição, medidas, performances, standards, padrões, normas etc. **Estas linguagens não são inocentes. Estão a construir, e não apenas a descrever, as nossas**



realidades universitárias. Eu admito que há a necessidade de instaurar novos dispositivos de regulação no espaço universitário, mas recuso-me a aceitar que esta “nova língua” se transforme num “língua única”.

Interface: E na sua opinião, quem deveria conduzir esse processo?

Nóvoa: Eu, pessoalmente – sem dúvida por razões ideológicas -, preferiria que isso fosse feito por meio de uma lógica de Estado, que a qualidade do ensino universitário fosse assegurado por meio de entidades públicas. Não estou a falar de “organismos burocratizados”, mas antes de espaços públicos que funcionassem como dispositivos de regulação do sistema universitário. Não creio que o “mercado” possa cumprir esta função. E parece-me que a “autonomia universitária”, pela qual todos nos batemos, não consegue resolver, por si só, o problema. Neste sentido, o modelo holandês, por exemplo, parece-me bastante interessante. Em vez de um apelo à “competitividade”, há a obrigação pública de fornecer um ensino de “qualidade” em todas as instituições. Na verdade, um processo de competição, que levaria à “excelência” de certas universidades e ao “desprestígio” de outras, acabaria sempre por prejudicar gerações inteiras de alunos, com resultados sociais irreparáveis. Todos sabemos que, nessas lógicas de seleção, são sempre os alunos com capital social e cultural mais baixo que acabam por sair prejudicados...

Interface: E como está ocorrendo esse processo em Portugal?

Nóvoa: O caso português é muito problemático. Nos últimos anos, houve um aumento “impressionante” do número de alunos no ensino superior. Mas este aumento fez-se à custa da “qualidade” de formação dos alunos e da abertura, muitas vezes sem as condições mínimas, de cursos e de instituições, na esfera pública e privada. Hoje, há um consenso quanto à necessidade de uma maior “avaliação” e “controle”. Um dos fenômenos mais curiosos é a importância que adquiriram as ordens profissionais: dos engenheiros, dos médicos, dos advogados, dos arquitetos... que procuram intervir na definição dos cursos respectivos. Compreende-se a sua preocupação, mas discordo em absoluto de um ensino universitário controlado pelas corporações. Como discordo de um ensino universitário controlado pelas lógicas do mercado. Durante algum tempo, alimentei a ilusão de que seria possível instaurar *ad intra*, no espaço de autonomia universitária, os necessários instrumentos de regulação. Hoje, os arranjos e a incapacidade de auto-reforma das instituições deixam-me menos otimista. Creio que temos de imaginar formas mais abertas e participadas de regulação, evitando as tendências corporativas e instaurando processos que valorizem as duas grandes missões da Universidade: formar pessoas e produzir cultura e ciência.





ABRAHAM ORTELIUS (cartógrafo alemão). Europa, 1595